

ANÁLISE LITERÁRIA: O LAVA-PÉS (Jo 13,1-30)

A Humildade e a Traição na Última Ceia



1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Introdução ao Livro da Glória

É sempre possível, segundo o modelo a seguir, obter o texto do Evangelho de João, que é o texto usado neste curso de Glória. Para obter o texto do Evangelho de João, basta clicar no link abaixo.



Diferença na Teologia Joanina e Sinópticos



Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos. Segundo Meeks, a teologia de João é caracterizada por uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.



A Última Ceia e o ato do Lava-pés

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

A Última Ceia e o ato gestual de Lava-pés, segundo os autores da tradição de João.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Segundo Meeks, um dos critérios de distinção entre a teologia de João e a teologia dos sinópticos é a presença de uma teologia da Trindade, que se manifesta em João de maneira diferente da teologia dos sinópticos.

Introdução ao Livro da Glória

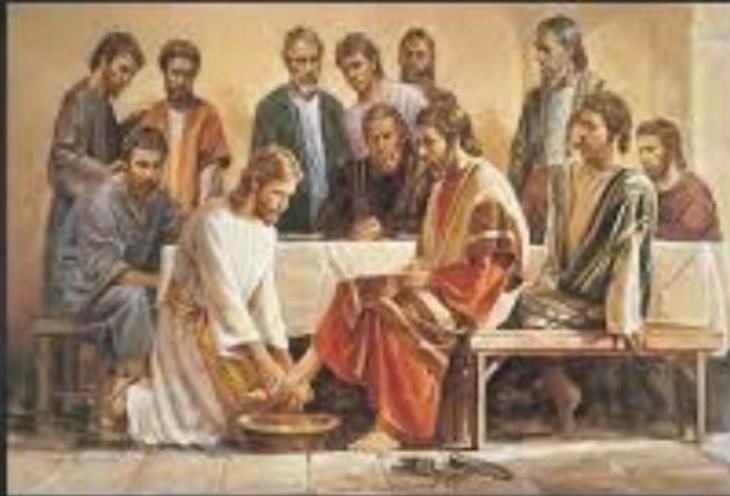
A perícopé analisada, segundo o jesuíta e biblista Johan Konings, abre a segunda parte do Evangelho de João, que é identificado como o Livro da Glória. Esta parte recebe tal denominação, pois Jesus será glorificado pelo Pai. Esta segunda parte é constituída dos capítulos 13-20 deste Evangelho.



Diferença na Teologia Joana e Sinópticos



Enquanto Marcos, um dos sinóticos e provavelmente o primeiro a relatar a Paixão de Cristo, apresenta a ceia como um ato litúrgico dos judeus, que celebrariam a Páscoa. Já o evangelista João, distancia desta tradição e enfatiza que seria improvável a realização de um julgamento na Festa Solene da Páscoa. Logo, antecipa em um dia tal cronologia e coloca a ceia num momento não litúrgico, mesmo que o fato narrado por João sobre o pão passado no molho e entregue para Judas, sendo tipicamente da ceia pascal.



A Última Ceia e o ato do Lava-pés

Na Última Ceia, Jesus inverte as expectativas ao lavar os pés de seus discípulos, simbolizando humildade e serviço. Este gesto profético é um convite aos discípulos para seguirem seu exemplo de amor.

A Última Ceia e o ato profético do Lava-pés, seguido do anúncio da traição de Judas.

- João apresenta o tema da traição de Judas comum aos sinópticos (Jo 13, 18-19.21-30; cf. Mc 14,17-21 = Mt 26, 20-25 e cf. Lc 22,22-23);
- A abordagem da temática da humildade é comum aos Evangelhos de João e Lucas (Jo13,12-17, cf. Lc 22,24-27);
- João assemelha-se a Lucas ao narrar a traição de Judas no relato da Ceia. Já que os Evangelistas Marcos e Mateus tratam da traição antes da Ceia.
- Também, na mesma estrutura comparativa, João e Lucas tratam da temática do serviço de Jesus na última Ceia, enquanto que Marcos e Mateus tratam desta temática no terceiro anúncio da Paixão.



2. ANÁLISE LITERÁRIA

A hora de Jesus

A passagem do João 13,1 narra o episódio de Jesus de Jesus, um momento decisivo em sua vida pessoal para a sua missão vital. Este texto é fundamental para esta análise, pois a representação do sacrifício de Jesus está vinculada à realidade além do tempo de Jesus, mas a sua humanidade, a realidade e a dimensão de ser a vida por sua missão.



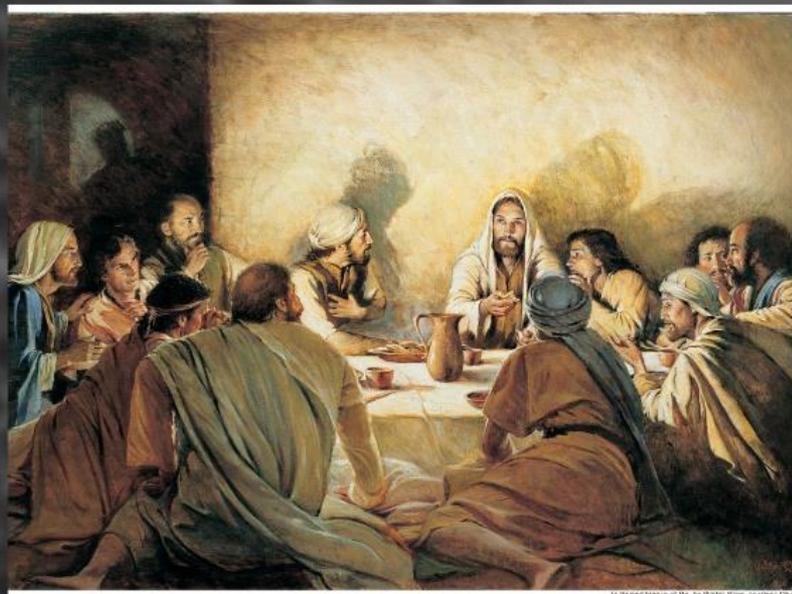
O amor do Pai manifesto

Nesta passagem, Jesus demonstra o amor do Pai ao ser enviado ao mundo. Este é um momento decisivo em sua vida pessoal para a sua missão vital. Este texto é fundamental para esta análise, pois a representação do sacrifício de Jesus está vinculada à realidade além do tempo de Jesus, mas a sua humanidade, a realidade e a dimensão de ser a vida por sua missão.

A hora de Jesus

A passagem de João 13,1 marca o início da 'Hora de Jesus', um momento decisivo em que Ele prepara para a sua entrega total. Este tempo é emblemático, pois não apenas sinaliza a aproximação da crucificação, mas também a revelação plena do amor de Deus para com a humanidade ao mostrar a disposição de dar a vida por seus amigos.





O amor do Pai manifesto

Neste versículo, Jesus demonstra o amor do Pai ao servir seus discípulos, lavando seus pés antes da Ceia. Este gesto não é apenas um ato de humildade, mas uma representação concreta do amor sacrificial que define a relação entre Deus e seus filhos, enfatizando que o verdadeiro amor se manifesta através do serviço.



O gesto de Jesus e seu sentido soteriológico (Jo 13,2-11)

O ato do lava-pés

«E Jesus lavou os pés dos discípulos e se cobriu com o manto. Quando Pedro quis recusar, disse-lhe: Não, Senhor. Não lavar os pés, não participo de teu banquete.» (Jo 13,6-8)



Divergência entre Pedro e Jesus

Para Jesus, lavar os pés era uma atitude de dedicação da própria vida. Enquanto Pedro recusava a sua humildade, não havia espaço para a base de comunhão entre ambos, que se aproximava para o fim.



Inversão da lógica hierárquica

«E Pedro veio e tomou os pés de Jesus e começou a lavar-lhes os pés, como Jesus o fizera. Quando Jesus viu que queria lavar-lhes os pés, disse-lhe: Não, Senhor. Não lavar os pés, não participo de teu banquete.» (Jo 13,6-8)

A exigência de Pedro

Pedro exige que Jesus lave não apenas os pés, mas o manto e a cabeça, pois queria estar a altura de Jesus. Enquanto Jesus insistia em lavar os pés, Pedro insistia em lavar o manto e a cabeça. Quando Jesus viu que queria lavar-lhes os pés, disse-lhe: Não, Senhor. Não lavar os pés, não participo de teu banquete.» (Jo 13,6-8)



O ato do lava-pés

O ato do lava-pés, realizado por Jesus durante a Última Ceia, enfatiza a radicalidade do seu amor. Este gesto, normalmente reservado a escravos, simboliza a entrega total de Jesus e seu convite à humildade no serviço aos outros.



Divergência entre Pedro e Jesus

Para Jesus, lavar os pés era uma atitude de dedicação da própria vida. Enquanto Pedro reduziu o ato a humilhação. Não havia chegado a hora de compreenderem aquele gesto aparentemente humilhante.





Inversão da lógica hierárquica

O gesto de lavar os pés inverte a lógica tradicional de autoridade. Jesus, assumindo o papel de servo, demonstra que a verdadeira grandeza está em servir aos outros, rompendo com a distinção entre mestre e servente.

A exigência de Pedro



Pedro exige que Jesus lave não apenas os pés, mas as mãos e a cabeça, pois estava presa a lógica judaica da purificação. Na proposta de Jesus, o lava-pés simbolizava a prática do servo que é capaz de amar até o fim. Em oposição ao batismo, que introduziriam aqueles que desejam abraçar a fé. Os discípulos de Jesus, com exceção do traidor, foram purificados aos acolherem a palavra de Jesus.

AS

SAGRADA

ÉLÉ

O sentido exemplar: a exortação aos discípulos (Jo 13,12-20)

Exortação ao serviço pelo amor

Como se deve servir? O serviço não se realiza em nome próprio, mas em nome de Cristo, que se dá em si mesmo para nos servir.



O convite à missão

Após lavar os pés, Jesus encaminha os discípulos a seguir sua passagem como povo da nova missão. Logo após isso é o convite à missão, isto é, o convite a ser como missionários, isto é, a ser como servidores.



A não exaltação do traidor

Como se deve servir? O serviço não se realiza em nome próprio, mas em nome de Cristo, que se dá em si mesmo para nos servir.



Exortação ao serviço pelo amor

Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, estabelece um novo padrão de serviço. Ele enfatiza que o verdadeiro líder é aquele que se coloca a serviço dos outros, promovendo uma dinâmica de amor recíproco entre os membros da comunidade.



O convite à missão

Após lavar os pés, Jesus convida os discípulos a seguir seu exemplo como parte de sua missão. Este ato não é apenas simbólico, mas um chamado à ação que modela a identidade dos seguidores de Cristo como servidores.



A não exaltação do traidor

Jesus não exalta Judas, apesar de sua traição, ressaltando que a verdadeira grandeza está em servir. Esse gesto ensina que mesmo diante da traição, o foco deve ser na humildade e no amor, valores essenciais para a comunidade.



Acionamento da traição (Jo 13,21-30)

Anúncio da traição

Em João 13,21-30, Jesus anuncia a traição de Judas Iscariotes. Este episódio é crucial para a compreensão da paixão e morte de Cristo.



O Discípulo Amado

O Discípulo Amado aparece no Evangelho como aquele que se aproxima e compreende o mistério de Deus, refletido na linguagem os países do mundo.



O gesto de entrega do pão a Judas

Jesus entrega o pão a Judas, o discípulo que passará a trair. Este gesto é um símbolo de entrega e de traição, refletido na linguagem os países do mundo.



Simbolismo da traição e a divisão entre luz e trevas

A traição de Judas é um símbolo de divisão entre luz e trevas, refletido na linguagem os países do mundo.



Anúncio da traição

No versículo 21, Jesus expressa sua angústia ao anunciar que um de seus discípulos o trairá. Essa revelação impacta todos os presentes, gerando tensão e incerteza entre os discípulos, pois eles questionam quem poderia cometer tal ato.



O Discípulo Amado

O Discípulo Amado aparece no Evangelho como aquele que é capaz de compreender o sinal de Deus, acolhendo-o e seguindo os passos do mestre.





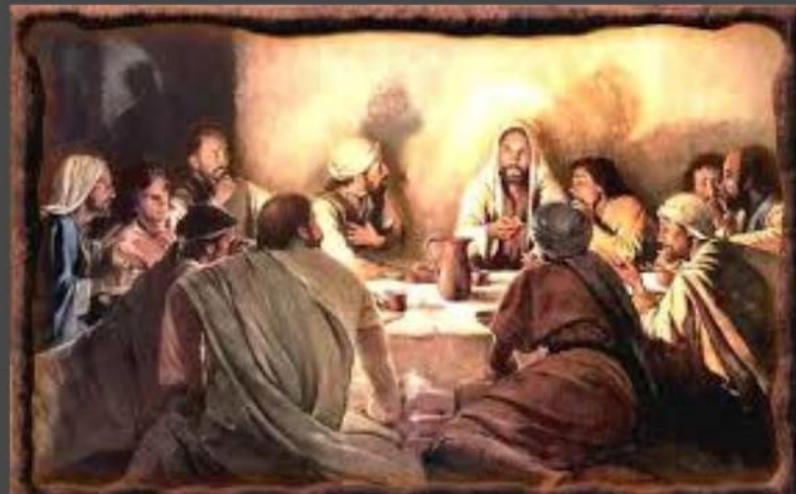
O gesto de entrega do pão a Judas

Jesus entrega a Judas o pão passado no molho, como um gesto de anfitrião. Aquele que se deixa seduzir pelo Satanás, age na traição, tornando-se chefe deste mundo.



Simbolismo da traição e a divisão entre luz e trevas

A traição de Judas simboliza a luta entre a luz e as trevas, representando a opção pelo egoísmo e pela ambição. Este contraste entre o Discípulo Amado e Judas ressalta a mensagem central do evangelho: a fidelidade e o amor incondicional de Cristo frente à traição.



A perícopre do lava-pés revela um sentido muito profundo para as nossas comunidades. Com o amor de Jesus até o fim diante dos olhos (13,1), aprendemos a necessidade de, na entrega da fé, aceitar seu gesto único e insubstituível de doação da vida por nós (13,2-11), para que nós também demos a vida pelos irmãos (cf. 1Jo 3,16), tornando-nos escravos uns dos outros (cf. Gl 5,13).

A humildade de Jesus não é apenas uma amostra de virtude. É uma revolução. Acaba com o desnível entre o senhor e servo. ‘Em Cristo não há escravo nem livre...’ (Gl 3,28). Seu gesto também não é um símbolo extrínseco do ‘esvaziamento’ na cruz, mas faz parte intrínseca do modo em que a Palavra de Deus é ‘carne’. Não é símbolo mas prelúdio da cruz.

A ideologia dominante do mundo acha isso ridículo e, assim como se após Cristo, tentará reprimir o projeto da fraternidade cristã. Haverá até traidor no meio. Mas Cristo foi até o fim e anunciou tudo isso, para que nunca duvidemos de que ele é quem nos revela o agir de Deus mesmo, ao qual nós podemos unir-nos na solidariedade com ele. O Senhor e Mestre se torna escravo.

Os que participam de sua mesa – não só as viúvas (1Tm 5,10) – devem lavar os pés dos irmãos, não só numa liturgia bem higiênica na Quinta-feira Santa, mas na realidade do dia-a-dia. A comunidade cristã não pode ser determinada pelas classes e divisões que a sociedade estabelece – coisas ‘deste mundo’. Ora, o lava-pés de Jesus não é um benfazejo banho no fim da caminhada, e sim, o início da uma nova caminhada, para dentro da noite que se revelou presente pela traição. Essa também é o caminho das comunidades.

JOHAN KONINGS